

PIBID Teatro UFPel: a experiência do devir professor(a)

Fernanda Vieira Fernandes¹

Introdução

Este texto propõe uma reflexão breve e bastante pessoal sobre os caminhos percorridos pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, no período em que estive à frente da coordenação de área, de 2016 a 2018. Não é objetivo aqui relatar todas as atividades que realizamos nesses anos, mas, sim, comentar sobre algumas delas, que mais me marcaram, relacionando-as aos próprios artigos apresentados nesta publicação e elaborados pelos bolsistas do PIBID Teatro UFPel. Além disso, quero compartilhar um pouco do que foi, para mim, a experiência de conduzir esse programa, os desafios, aprendizados e, principalmente, os momentos junto aos bolsistas e supervisoras, que tanto me ensinaram sobre a profissão docente.

Um novo desafio: coordenadora do PIBID Teatro UFPel

Ingressei na UFPel no segundo semestre de 2014, atuando nas áreas de dramaturgia, teoria e história do teatro. O PIBID se mostrava para mim um projeto forte dentro do nosso curso, com atuação reconhecida das colegas que conduziam o trabalho. Eu, contudo, sabia pouco sobre o programa, apesar de acompanhar algumas de suas ações através da *internet* e conversas com alunos bolsistas e professores. Em 2016, surgiu a proposta para que eu coordenasse o PIBID Teatro – as colegas que até então o exerciam precisavam afastar-se para se dedicarem a outras atividades. Na condição de docente em um curso de licenciatura é inerente ao nosso papel a formação de novos professores. Isso ocorre, todavia, de forma mais indireta quando não nos debruçamos especificamente sobre as disciplinas de pedagogias teatrais e estágios.

Como um novo desafio na minha carreira profissional que se iniciava, aceitei o convite. Ao assumir a coordenação da área de teatro, já tinha alinhavadas as principais ações que deveriam ser executadas no subprojeto, que vigorava de 2014 a 2017. Elaborado em 2013 pela Profa. Ma. Maria Amélia Gimmler Netto, envolvia três eixos voltados para o ensino médio: “Ações da área do teatro”, “Ações transversais” e “Registros das atividades e divulgação pública das ações”. O grupo era formado por doze bolsistas e duas supervisoras (depois ampliado para três supervisoras) – professoras da rede básica de ensino –, que se encontravam semanalmente.

Paralelo ao trabalho com os bolsistas do teatro, desenvolveria também as ações interdisciplinares que o programa prevê na UFPel. Fui designada para o Colégio Estadual Félix da Cunha, onde supervisores (professores da própria escola) e cerca de vinte bolsistas das diversas licenciaturas (Ciências Sociais, Matemática, Química, Teatro, Educação Física e Geografia, por exemplo) pensavam iniciativas para aquela instituição pública, a partir de diagnósticos junto aos alunos e equipe escolar.

Figuras 1 e 2: De cima para baixo: equipes PIBID Teatro UFPel e PIBID Félix da Cunha



Fotos: Acervo

Frente a esses dois grupos que coordenaria, que já possuíam uma trajetória consolidada, precisava trazer as minhas contribuições e aproveitar as trocas que se estabeleceriam entre nós. Não vou me deter neste texto às ações do grupo interdisciplinar do Félix da Cunha, mas é importante salientar o diferencial do PIBID UFPel por conta do eixo da interdisciplinaridade. Os bolsistas do teatro, assim como eu, também estavam designados em escolas. Entre 2016 a 2018 participamos de projetos no Colégio Estadual Félix da Cunha, na Escola Técnica Estadual Sylvia Mello, na Escola Estadual de Ensino Médio Areal, no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita e na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Antonio Leivas Leite.

Sob a coordenação dos professores de várias áreas, os bolsistas articulavam ações para os estudantes de ensino médio das escolas, além de estudos em que poderiam dialogar com outros licenciandos. Nas reuniões semanais do teatro, os docentes em formação traziam suas dificuldades, seus êxitos e seus aprendizados para compartilhar conosco. Os textos de Wesley Fróis Aragão e Juliana Ximenes Paranhos, publicados neste livro, trazem uma pequena parte desses trabalhos e das questões que suscitaram.

A experiência interdisciplinar muitas vezes se mostrou difícil, com falta de reconhecimento do teatro, reduzido a entretenimento, recreação, diversão ou área a serviço de outras. No entanto, a possibilidade de conviver com colegas de outros cursos e demarcar o teatro como saber, com suas especificidades, por si só já foi um ganho adquirido pela experiência do PIBID interdisciplinar da UFPel.

Leituras e momentos de troca com bolsistas e supervisores

Certamente um dos grandes aprendizados na minha formação continuada como professora foram as leituras e debates realizados com o grupo do PIBID Teatro. Os ciclos de estudos teóricos já eram uma constante no programa, previstos no subprojeto. Muitos dos bolsistas, que estavam há mais tempo vinculados ao PIBID, já tinham uma boa bagagem de leituras. Outros, mais iniciantes, viam, aos poucos, seus referenciais se ampliarem a cada nova discussão de texto. As supervisoras, assim como eu, vislumbavam nesse espaço, momentos de reflexão e oxigenação de ideias.

Atuando como docente em um curso de licenciatura, queria saber mais sobre a realidade escolar, sobre ensinar e aprender, sobre novos olhares para a educação e, também, sobre textos que são base para a estrutura

de ensino no Brasil. Em dois anos de PIBID, acompanhei as seguintes leituras: “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (2002), de Jorge Larrosa; “O espectador emancipado” (2010), de Jacques Rancière; “Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas” (2008), de Ivani Fazenda; “Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades” (2007), de Jairo Gonçalves Carlos; “Reforma do Ensino Médio; proposta de alteração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”;

e “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN e PCN+)” – sempre evidenciando mais o aspecto vinculado à nossa área de atuação: artes/teatro.

Destaco a partir desta experiência o potente espaço que criamos para nos debruçarmos sobre assuntos que tanto nos tocam e que, em geral, nos parecem distantes. São olhares para a docência em arte e para as diversas condições de desenvolvimento e recepção de práticas teatrais. As ideias sobre interdisciplinaridade nos auxiliaram a visualizar melhor o trabalho que já fazíamos nas escolas, apontando melhorias possíveis, críticas e concatenando teoria e prática. A discussão que implementamos sobre textos de base da educação no Brasil ocorreram em um momento crucial, visto que se implementavam (e ainda se implementam) reformas pelo Ministério da Educação, muitas delas de caráter duvidoso e que prejudicarão em especial os estudantes da rede pública de ensino.

As opiniões daqueles que recém ingressam na profissão docente se mesclavam às das supervisoras. Vozes que buscavam, juntas, pensar na melhoria do ensino e do seu papel frente a isso, reforçando o caráter político, emancipador e transformador para os envolvidos.

Figura 3: Ciclos de estudos teóricos



Foto: Fernanda Vieira Fernandes

***Shakespeare? Presente!:* o contato com a escola a partir do exercício teatral**

O exercício de cenas teatrais *Shakespeare? Presente!* surgiu da aliança entre o interesse dos bolsistas e uma das contribuições que eu acreditava que poderia dar ao PIBID Teatro UFPel – pela experiência que tinha com dramaturgia e apresentações teatrais em escolas. Logo nas primeiras reuniões à frente do grupo, percebi o desejo que sentiam por explorar a docência aliada à prática artística. A opção pela dramaturgia de William Shakespeare originou-se no fato de que em 2016 estavam ocorrendo atividades alusivas aos 400 anos de sua morte, com engajamento da UFPel. Fora isso, suas temáticas dialogam com a atualidade, e era de nosso interesse proporcionar tais reflexões.

Não vou me deter neste texto a maiores detalhes sobre o processo de criação, circulação e recepção de *Shakespeare? Presente!*. É possível saber mais sobre o projeto no artigo de Mario Celso Pereira Junior publicado neste livro. Entretanto, destaco alguns pontos que me tocam mais diretamente e muito contribuíram para meu devir docente. O primeiro deles diz respeito à coletividade com que se deu a construção dessa ação. Todas as decisões foram tomadas a partir do diálogo e de forma democrática entre os membros: coordenação, supervisão e bolsistas.

A escolha das cenas passou pelas leituras feitas pelos licenciandos, selecionando trechos, buscando pontos de aproximação com a contemporaneidade, realizando adaptações dos textos e da difícil linguagem shakesperiana etc. Ao final, trabalhamos com três cenas, de *O mercador de Veneza*, *Tróilo e Créssida* e *Coriolano*. Da mesma forma, o processo de criação foi coletivo, com a figura do encenador diluída. O formato de exercício, e não de espetáculo, ia ao encontro do que buscávamos como resultado.

Com início no segundo semestre de 2016 e prejudicado por greves, o trabalho estreou em junho de 2017 e circulou por quatro escolas de Pelotas: Colégio Estadual Félix da Cunha, EEEM Dr. Antônio Leivas Leite, EEEM Santa Rita e EEEM Areal. Apresentamos ainda em outros eventos ligados ao PIBID e à universidade. O processo longo e dificultoso várias vezes desestimulou os bolsistas, e foi preciso muita união do grupo para que não desistíssemos dessa ação, que nos era tão cara.

Após cada apresentação em escola, sempre realizávamos debates com os estudantes e, mais uma vez, criávamos oportunidades de trocas e aprendizados entre sujeitos, a começar pela própria estrutura das escolas e seus

bairros, que os bolsistas não conheciam. Eu mesma não conhecia duas das escolas por onde passamos. Foi uma forma de estar no futuro espaço profissional de muitos deles, conduzidos sempre pelas supervisoras do PIBID. Além de estarem conosco nas reuniões da universidade, elas estavam, desta forma, nos recebendo em suas “casas”. Se um dos objetivos do programa é justamente criar pontes entre a universidade e a escola, essa ação tornou concreto o cruzamento dos dois espaços.

Figura 4: Cartaz *Shakespeare? Presente!*



Arte: Jardel Athayde

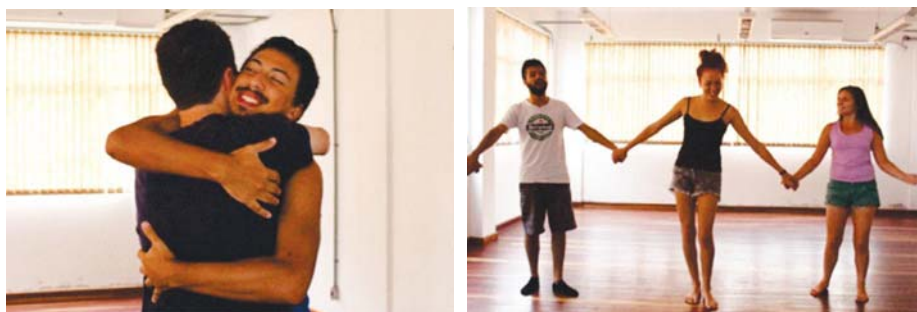
Ao voltar para o espaço escolar com uma apresentação teatral aparentemente simples, acessível a qualquer espectador e valendo-se de recursos mínimos, reencontrei-me com a minha origem teatral, quando, em 1998, comecei a circular com espetáculos teatrais na companhia em que atuava em São Leopoldo/RS. Ao longo de muitos anos, descobri escolas com estruturas diferentes e, a cada nova visita, encontrava espectadores atentos e que me permitiam entender mais sobre educação, sociedade e arte democrática. Veio dos olhos curiosos e dos sorrisos largos de alunos que nos viam em cena meu encantamento pela arte. Analiso a experiência de *Shakespeare? Presente!* como um pequeno fragmento disso para os docentes em formação.

Exercícios de sensibilização à profissão docente

Frente ao grupo de doze bolsistas, sempre inquietos com as reflexões e práticas que o PIBID trazia, em um determinado momento de 2017, senti necessidade de elaborar alguns exercícios para serem realizados nas reuniões ordinárias do grupo, focando a sensibilização para a profissão docente.

O primeiro exercício que relato aqui eu denominei de “Ciranda de abraços”. Inicialmente, todos os participantes do PIBID Teatro UFPel deveriam deitar-se no chão, de maneira confortável, e ouvir uma canção escolhida por mim (minha opção foi por “Redescobrir”, interpretada pela cantora Elis Regina). Durante a execução, foram instruídos a relaxarem os corpos, enquanto se envolviam pela música. Aos poucos, iriam se levantando e caminhando pela sala e, quando sentissem vontade, poderiam abraçar o colega que passava ao lado. A música foi repetida duas vezes, e a última instrução que eles tinham era a de que, ao final da caminhada e abraços, teriam que formar uma ciranda, marcada pelo ritmo da música, investindo nos sorrisos e olhares de cumplicidade.

Figuras 5 e 6: Exercício “Ciranda de abraços”



Fotos: Fernanda Vieira Fernandes

A segunda atividade, “Jogo de situações”, propunha uma ação de simulação de situações vivenciadas no cotidiano escolar. Todos os membros recebiam um personagem para interpretar a cada rodada, na qual era apresentado um problema. Assumindo esses personagens, eles teriam que se posicionar perante fatos. Cito como exemplo de situações a greve de professores, o descaso com o(a) professor(a) de teatro, as alunas que se queixavam de assédio por parte de professores, entre outras. Nos personagens: alunos(as), professores(as), diretor(a), responsáveis de alunos(as), presidente de sindicato etc.

Surgiram nessa ocasião debates polêmicos, porque muitos tinham que se posicionar a favor do que, enquanto sujeitos, seriam desfavoráveis. E, ao pensar como o diferente de si, ao colocar-se no espaço do outro, buscavam entender as contradições que existem num espaço público de ensino. Este mesmo exercício foi realizado com estudantes do curso de Teatro da UFPel durante o III Encontro PIBID Teatro UFPel, organizado por nós, como descreve a bolsista Patrícia Castro Cardona em seu texto.

Denominei de “Caixinha dos medos” a terceira ação que propus. Consistia em algo bastante simples: escrever em um papel, de forma anônima, a resposta para a seguinte pergunta: “Quando penso em ser professor(a), qual meu maior medo?”. Os depoimentos foram recolhidos e colocados em uma caixinha. Posteriormente, foram sorteados, lidos e discutidos pelo coletivo. Muitos medos e receios se cruzavam e se repetiam. Alguns já haviam sido vencidos por estudantes que estavam em fases mais avançadas do curso (que já fizeram estágio, por exemplo), e os relatos ajudavam a dirimir os medos. Evidentemente não buscávamos soluções, mas, sim, criar um ambiente de diálogo sobre a futura profissão e as implicações que ela traz consigo.

Para a quarta e última atividade, designada “Carta ao mestre”, pedi em um dos encontros que todos escrevessem para a semana seguinte uma carta a algum professor ou professora que tivesse marcado a sua trajetória. Nessa carta, deveriam compartilhar a sua situação de docente em formação ou em exercício (no meu caso e das supervisoras), a influência que aquele(a) profissional teve em seu percurso e outros assuntos que julgassem pertinentes. No dia da leitura, colocamos duas cadeiras no centro da roda e, para cada sujeito que lia sua carta, um de nós ocupava a outra cadeira, no papel de ouvinte, de cúmplice da leitura, para que ninguém ficasse sozinho ao centro. Os resultados foram bastante emocionantes e levaram depois ao bate-papo sobre o papel tão importante que os professores têm nas nossas vidas. Também conhecemos um pouco mais das trajetórias pessoais, já que muitas cartas traziam isso em seu conteúdo.

Mesmo que tenham surgido de experiências que tive em outros contextos e, até mesmo, no caso de algumas delas, de forma intuitiva, as atividades atingiram seus objetivos e fizeram surgir momentos muito singelos de acolhida, abertura e compreensão do outro. Não havia qualquer hierarquia na execução das atividades, e o lado sensível foi aguçado nos participantes. Perguntas como “que professor(a) eu quero ser?”, “que professor(a) estou me tornando?” e “que professor(a) eu sou?” perpassaram as nossas reflexões.

Novos caminhos de estudos e produções acadêmicas

Por fim, cumpre destacar a importância do PIBID Teatro na Universidade Federal de Pelotas pelo viés do caminho de estudos e produções acadêmicas realizadas nesses dois anos, tanto de minha autoria, como no papel de orientadora. Apresentamos um total de onze trabalhos nos seguintes eventos: Projeto de Ensino Shakespeare 400 (UFPel – Pelotas), VI Encontro Nacional das Licenciaturas e V Seminário Nacional do PIBID (PUCPR – Curitiba), VI Seminário PIBID UFPel (Pelotas), III Congresso de Ensino de Graduação UFPel (Pelotas), II ENLIC Sul (Unisinos – São Leopoldo), IV Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas (UFBA – Salvador) e V Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas (UDESC – Florianópolis).

Figura 7: Apresentação de trabalho do PIBID Teatro UFPel



Foto: Marco Antônio Duarte

O número expressivo de produções demonstra o comprometimento de muitos dos bolsistas em divulgarem as ações realizadas pelo nosso grupo e se proporem à escrita acadêmica, tarefa geralmente repudiada pelos estudantes de graduação. Somam-se a estes artigos, resumos e comunicações os textos produzidos para este livro e para o livro destinado aos coordenadores de área do PIBID UFPel, onde configuro como uma das autoras.¹

No que se refere à organização de eventos, coordenamos a realização do III Encontro PIBID Teatro UFPel, voltado aos estudantes do curso de

¹ No prelo.

Teatro – Licenciatura, em outubro de 2017, e o Intercâmbio entre PIBIDs Teatro UFPel e UFSM, em junho de 2016, na cidade de Santa Maria. Em ambos os momentos, pudemos divulgar para sujeitos externos ao PIBID Teatro UFPel as atividades que empreendíamos e ouvir deles as impressões, as dúvidas, os comentários, os elogios e as críticas. Cada contribuição nos servia para refletir sobre nosso percurso.

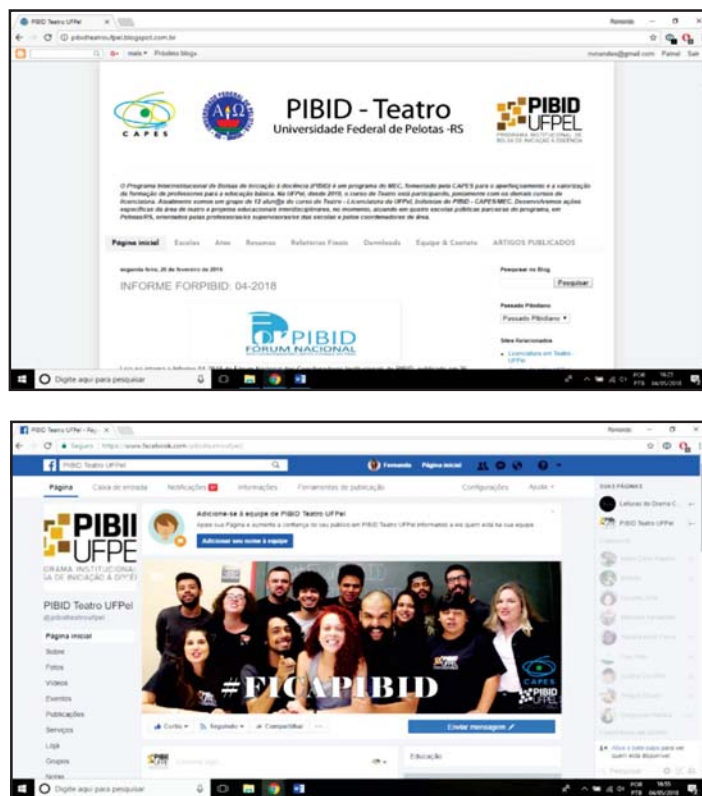
Figura 8: PIBID Teatro UFPel na UFSM



Foto: Acervo

Todas as nossas ações foram registradas no *blog* do grupo, existente desde 2009. De 2016 a 2018, três alunos bolsistas ficaram responsáveis por gerenciar o *blog*, inserindo as informações, fotos e *links* de acesso. Nos últimos anos também se intensificaram as divulgações através da rede social *Facebook*, com página do grupo:

Figuras 9 e 10: De cima para baixo: *blog* e página da rede social *Facebook* do PIBID Teatro UFPel



Considerações finais: o futuro professor(a) através do PIBID

Este breve texto, que mostra parte do percurso que o PIBID Teatro da UFPel trilhou nos dois últimos anos, revela mais do que ações previstas em projetos. Revela o quão imprescindível são as iniciativas que aproximam os sujeitos envolvidos na educação: estudantes de licenciatura, professores e estudantes da rede básica. Presente em todo Brasil, o PIBID, nas mais variadas áreas, trouxe oportunidades de formação, seja ela inicial ou continuada. Os textos de Nicolas Beidacki e Anderson Barbosa Soares nos mostram como a participação no programa traz novas ideias e momentos de aprendizado. A parceria entre escolas públicas da rede básica e instituições de ensino superior estimula o trabalho de ambas, cria elos entre elas e resgata a função social e política da escola.

Se o meu primeiro impacto frente à coordenação do PIBID Teatro UFPel foi de desafio, hoje meu olhar é de admiração pela grandeza que o PIBID possui. A experiência foi extremamente rica em trocas. Na condição de professora em exercício, senti-me instigada a renovar leituras. Senti-me acolhida pelo grupo e acredito que trouxe contribuições. Não tenho dúvidas sobre o quanto aprendi com cada bolsista e supervisor(a). Se muitas vezes eu estive dentro da escola como artista, agora estive como professora, envolvida nas atividades pensadas junto e para a comunidade escolar.

Além das conquistas, o PIBID traz a aproximação com os problemas enfrentados no dia a dia de professores, com escolas sucateadas, falta de professores e com alunos desestimulados, fatos que resultaram em greves e paralisações. Não apenas estas dificultavam algumas ações do PIBID, também o próprio ataque que o programa vem sofrendo ano após ano, com ameaças de suspensão e cortes financeiros, como bem relata Grégori Rodrigues Eckert em seu artigo neste livro.

Contudo, frente a todas adversidades, o PIBID Teatro UFPel resistiu. O engajamento dos bolsistas foi notável, coletando assinaturas em abaixo-assinado, participando de eventos como o “PIBID na Rua” e criando campanhas de mobilização. Na posição de coordenadora pude perceber a força e a garra que se mantinham presentes em muitos dos licenciandos. A vontade deles em fazer diferente, em buscar uma nova escola, novas ideias sobre o que é ser professor(a) aponta para uma esperança nos dias tão duros que vivemos. PIBID Teatro UFPel, presente!

Referências

- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: <TTP://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio/>. Acesso em: 17 abr. 2018.
- CARLOS, Jairo Gonçalves. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio**: desafios e potencialidades. Dissertação (Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, Ivani (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.
- NOVO ENSINO MÉDIO. Disponível em: <TTP://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 17 abr. 2018.